aquilo que fica e *Outros Fantasmas*

Maria Clara Curti

O que se vê num espelho embaçado? Uma imagem misteriosa, com contornos pretensamente conhecidos, volumes esfumados, luz difusa, manchas, zonas de sombra. Mesmo sem nitidez, não nos restam dúvidas: atrás daquela condensação está a nossa face. Mas, e se, ao passarmos a mão sobre a superfície úmida desse espelho, encontrássemos um outro rosto? Uma presença herdada, um traço ancestral, um semblante desconhecido? Não estaríamos mais diante de um reflexo, mas de uma aparição.

Uma imagem espectral não se mostra à toa. Ela é um indício do que ficou fora do tempo. Não está no passado, não está no futuro. Está em suspensão, no limiar do presente. É por isso que o tempo para quando o ar quente da memória encontra a superfície fria daquilo que jamais poderemos saber.

Nesta exposição, Maria Clara Curti nos provoca a olhar para **aquilo que fica e outros fantasmas**. Partindo do que assombra o seu universo íntimo, a artista tensiona questões centrais da vida contemporânea: o esquecimento diante do excesso, o desejo por vínculos em meio à impossibilidade do encontro, a dificuldade de nomear o que ronda não apenas as nossas casas, mas também as relações, os corpos, as ruas, a história, as instituições. Memória e arquivo são articulados para constituir um campo de fricção onde a artista passa a explorar lacunas, repetições e falhas que permeiam a existência.

Documentos, registros visuais, pertences, anotações são deslocados de suas funções habituais e reinscritos como matéria sensível na pintura, na fotografia, nos objetos, nos impressos e nas experimentações em vídeo. *Meu querido fantasma familiar...* quem é você?, pergunta a artista enquanto busca o gesto que se faça luz em meio à neblina. Uma luz que não dá a ver, mas que sinaliza a densidade de um lugar singular que se articula entre a imagem, o texto, as coisas e os silêncios.

Os trabalhos que integram esta exposição apontam para movimentos de aproximação e recuo criados pela artista como quem anda no escuro sobre um terreno continuamente revisitado e inventariado. Nessas incursões, a memória se torna dispositivo de orientação, ora atravessada pela solidão, pelo acúmulo e pelo desgaste, ora exposta à tentativa, ao erro e à vulnerabilidade. Cada passo produz uma marca e, assim, a artista anda: não sem ver, pois coloca olhos nas mãos, nos pés e no fazer. Vê aos poucos, como quem tateia aquilo que é inapreensível.

Ao evocar um tempo fantasmático, a artista emaranha a vida aos seus interesses nos campos da arte e da museologia. É entre intimidade, memória e arquivo que Maria Clara Curti se abre à escuta dos fantasmas que a convidam a ver algo mais nos vestígios. Nesse percurso, ela expande o arquivo ao confrontar a memória com o desencontro e o esquecimento, instaurando um diálogo entre a prática artística e a reflexão sobre preservação. Ao admitir a impossibilidade de acessar plenamente as histórias e o vivido, a artista chama a atenção para os restos, os segredos, as zonas inacessíveis que se tornam pistas imprescindíveis no contexto de sua investigação.

É nesse espaço de indeterminação que os fantasmas se fazem bons companheiros, presenças instáveis produzidas pelas ausências e pela insistência em lembrar. Esta exposição não busca iluminá-los, pois desapareceriam. O que se constrói é, ao contrário, um espaço para que circulem e condensem o olhar, a escuta, os modos de saber. Instaura-se, aqui, um lugar para o assombro de se estar diante daquilo que nunca poderemos tocar.

Texto crítico por Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
NuPAA/UFG/CNPq

Maria Clara Curti (@mclaracurti) é uma artista visual nascida no Rio de Janeiro, radicada em Goiânia, formada em Artes Visuais - Bacharelado pela Faculdade de Artes Visuais (UFG) e graduanda em Museologia pela Faculdade de Ciências Sociais (UFG). Através da autobiografia e utilizando as palavras como recurso imagético, a artista produz aforismos visuais através de pinturas, objetos e instalações. Outras linguagens muito presentes em suas produções são a fotografia e vídeo. Maria Clara busca investigar temas como intimidade, solidão, luto (ora carnal, ora metafórico), isolamento, com um olhar curioso para a sua infância e as relações que se constroem ao seu redor. Dessa forma, a artista pretende evidenciar a melancolia singela que cerca nosso cotidiano. Seu trabalho integrou a mostra Abrir Horizontes 2, um panorama da produção de artistas jovens emergentes do estado de Goiás. Além disso, a artista participou da exposição do programa Trampolim, no Centro Cultural Octo Marques, que contou com o acompanhamento da plataforma Lastro. A artista também participou da exposição Entremeios 2 no MAPA - Museu de Artes Plásticas de Anapólis, com trabalho resultante de sua pesquisa fotográfica Mixórdia. Participou de residências artísticas promovidas por projetos de pesquisa durante sua graduação em Artes Visuais, como Transposição e O caminho de dentro é um grande espaço-tempo. É co-fundadora do Asterisco Ateliê, um espaço de produção e reflexão autogerido por artistas.